

A MÃO ESCURA

A mão escura adere
à parede da casa
A queimadura usa
os artifícios da linguagem clara
A cal ferve na palma desgastada

OUTUBRO

Evapora-se a terra
O cheiro a chuva
faz crescer a luz nula do crepúsculo

O pensamento estende
para as nuvens da tarde
braços desesperados

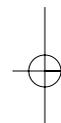
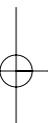
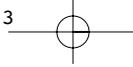
Ah o olhar viaja
nessas câmaras frágeis
que interrogam o brilho das cidades

SONS

A casa da ausência
estremece Não sei se lhe pertence
esta aflição banal igual a outras formas
de ansiedade É um lugar
fácil de conhecer, de recordar
Os sons passam ao longe
no seu interior como noutra cidade

CIDADES

Grandes cidades afogadas em fumo
e ruído exprimem
na nossa mente o seu silêncio
límpido, edifícios
simples emanções da luz
que nos queima as retinas
fictícias Pensamos os lugares como
uma irrealidade O não visto apodera-se
da névoa que nos cega



NOSSO TEMPO

Não se pode escolher para o silêncio
uma cidade ouvida quando os dias
como estranhas fachadas se separam
Ó tempo verdadeiro, para a nossa ruína
um céu de nuvens baixas

